



O PENSIERO DEBOLE DE GIANNI VATTIMO E PIER ALDO ROVATTI¹

Adelino Pereira da Silva²

Resumo: Propõe-se um estudo sobre o conceito de *pensiero debole*, proposto por Gianni Vattimo e Pier Aldo Rovatti, tomado como uma noção de pensamento filosófico contemporâneo, que tem atraído atenção significativa. Este modo conceitual desafia os fundamentos tradicionais do pensamento filosófico e procura minar a noção de verdade absoluta. A partir da obra “Il pensiero debole”, especificamente da “Premessa”, escrita por Vattimo e Rovatti (2011), investigamos como aquela noção enfatiza a ambiguidade e a incerteza inerentes à existência humana, e como os autores argumentam que nossa compreensão da realidade sempre depende de nossas perspectivas e interpretações subjetivas. Ao abraçar esse panorama, o *pensiero debole* abre novas possibilidades de diálogo e pluralismo no discurso filosófico – ou seja, institui novo terreno para a exploração intelectual filosófica contemporânea. Nas últimas décadas, a discussão em torno da “crise da razão” tem ganhado grande destaque na cultura filosófica italiana. Este debate revelou que não há mais uma narrativa abrangente da história, bem como nenhum conhecimento universal que possa unificar o conhecimento específico em uma suposta “verdadeira” compreensão do mundo. No entanto, houve casos em que formas novas e limitadas de racionalidade foram estabelecidas apressadamente, marcando improváveis “retornos” aos valores tradicionais. A partir dessa premissa, procuramos, aqui, aprofundar essa questão, a partir da ideia (ou conceito) de “*pensiero debole*” (*pensamento fraco*) apresentado por Vattimo e Rovatti (2011). Em “Il pensiero debole”, várias vozes, mesmo de diferentes campos disciplinares que podem não se alinhar, propõem uma abordagem mais radical: e, assim, o que é provisoriamente referido como “*pensamento fraco*” visa ruir a resistência que persiste das noções entrincheiradas de razão. Por isso, nesse momento, nos referimos especificamente à análise da “Premessa” do livro, texto que segue sem tradução para o mercado editorial brasileiro, com o intuito de nos aprofundar sobre o caminho pelo qual os autores constroem um modo de pensar filosófico da contemporaneidade: a compreensão de um conceito de verdade mais fluido, preciso e aceitável, o qual só pode acontecer se nos libertarmos dos resquícios do racionalismo moderno. Conforme os filósofos, essa perspectiva alternativa de *pensamento* pode ser menos reconfortante, mas, certamente, nos aproxima da realidade vigente e, conseqüentemente, oferece maior praticidade.

Palavras-chave: Pensiero debole. Gianni Vattimo. Pier Aldo Rovatti. Filosofia Contemporânea.

Abstract: We propose a study of the concept of *pensiero debole*, proposed by Gianni Vattimo and Pier Aldo Rovatti, taken as a notion of contemporary philosophical thought that has attracted significant attention. This conceptual mode challenges the traditional foundations of philosophical thought and seeks to undermine the notion of absolute truth. Starting from the work “Il pensiero

¹ O presente trabalho é parte de uma pesquisa de Doutorado, realizada junto ao Programa Integrado de Pós-Graduação em Filosofia (PIPGF) da Universidade Federal da Paraíba, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

² Doutor em Filosofia. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ade.lino@yahoo.com.br

debole", specifically "Premessa", written by Vattimo and Rovatti (2011), we investigate how that notion emphasizes the ambiguity and uncertainty inherent in human existence, and how the authors argue that our understanding of reality always depends on our subjective perspectives and interpretations. By embracing this outlook, *pensiero debole* opens new possibilities for dialog and pluralism in philosophical discourse - in other words, it establishes new ground for contemporary philosophical intellectual exploration. In recent decades, the discussion around the "crisis of reason" has gained great prominence in Italian philosophical culture. This debate has revealed that there is no longer a comprehensive narrative of history, as well as no universal knowledge that can unify specific knowledge into a supposedly "true" understanding of the world. However, there have been cases in which new and limited forms of rationality have been hastily established, marking unlikely "returns" to traditional values. Based on this premise, here we seek to delve deeper into this issue, using the idea (or concept) of "*pensiero debole*" (*weak thinking*) presented by Vattimo and Rovatti (2011). In "Il pensiero debole", several voices, even from different disciplinary fields that may not align, propose a more radical approach: and so, what is provisionally referred to as "weak thinking" aims to break down the persistent resistance of entrenched notions of reason. This is why, at this point, we are referring specifically to the analysis of the book's "Premessa", a text that is still untranslated for the Brazilian publishing market, in order to delve deeper into the way in which the authors construct a contemporary philosophical way of thinking: the understanding of a more fluid, precise and acceptable concept of truth, which can only happen if we free ourselves from the remnants of modern rationalism. According to the philosophers, this alternative perspective of thought may be less comforting, but it certainly brings us closer to the current reality and, consequently, offers greater practicality.

Keywords: Pensiero debole. Gianni Vattimo. Pier Aldo Rovatti. Contemporary Philosophy.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a discussão em torno da “crise da razão” tem ganhado grande destaque na cultura filosófica italiana. Este debate revelou que não há mais uma narrativa abrangente da história, bem como nenhum conhecimento universal que possa unificar o conhecimento específico em uma suposta “verdadeira” compreensão do mundo. No entanto, houve casos em que formas novas e limitadas de racionalidade foram estabelecidas apressadamente, marcando improváveis “retornos” aos valores tradicionais.

A partir dessa premissa, procuramos, aqui, aprofundar essa questão a partir da ideia (ou conceito) de “pensiero debole” (*pensamento fraco*) apresentada por Gianni Vattimo e Pier Aldo Rovatti (2011) no livro *Il pensiero debole*. Nessa obra, várias vozes, mesmo de diferentes campos disciplinares, que podem não se alinhar, propõem uma abordagem mais radical: e, assim, o que é provisoriamente referido como “pensamento fraco” visa ruir a resistência que persiste das noções entrincheiradas de razão.

Por isso, neste momento, nos referimos especificamente à análise da “Premessa” do livro escrito por Vattimo e Rovatti (texto que segue sem tradução para o mercado editorial brasileiro), com o intuito de discutir o caminho pelo qual os autores constroem um dado modo de pensar

contemporâneo à filosofia: a compreensão de um conceito de verdade mais fluido, preciso e aceitável, o qual só pode acontecer se nos libertarmos dos resquícios da racionalidade moderna. Conforme os filósofos, essa perspectiva alternativa de *pensamento* pode ser menos reconfortante, mas, certamente, nos aproxima da realidade vigente e, conseqüentemente, oferece maior praticidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A obra *Il pensiero debole*, publicada pela primeira vez no ano de 1983, é uma antologia organizada pelos filósofos Gianni Vattimo e Aldo Rovatti. Ela reúne uma série de ensaios de vários autores que se dispõem a discutir, desde as perspectivas das últimas décadas, aspectos relevantes da crise da Razão, a qual afirma que existiria um fio unificador da História, um conhecimento global capaz de coordenar conhecimentos particulares em uma adequada visão do mundo. Entretanto, percebe-se ao longo da História que isso, muitas vezes, foi levado em conta apenas para instituir apressadamente novas formas parciais de racionalidade ou para endossar “retornos a valores antigos” improváveis.

Il pensiero debole, no entanto, procurou ir mais longe. Com muitas vozes e as evidências de diferentes campos disciplinares, não necessariamente consonantes entre si, sugere uma abordagem mais radical, o que aqui tem sido chamado de “pensamento fraco”³. Esse *pensamento fraco* é, justamente, a tentativa de romper com as resistências que as, assim chamadas, imagens “fortes” da razão continuam a suscitar. Com ele, passamos a galgar um terreno livre dos fantasmas da irracionalidade e começamos, de fato, a perceber uma ideia de verdade cada vez mais móvel, mais irregular e mais tolerante; talvez menos tranquilizadora, mas, seguramente, mais próxima da nossa realidade, portanto, mais útil.

Logo no prefácio do *Il pensiero debole*,⁴ Vattimo e Rovatti (2011) chamam atenção para o acontecimento de que o próprio debate filosófico da atualidade possuiria um ponto de convergência: o fato de não existir fundamento único, último e normativo. Nessa direção, desde os anos de 1960 já se apresentava a procura de uma outra justificação, pois, se um sentido de conhecimento se demonstrava cristalizado,

[...] a filosofia foi encarregada de enfrentar esta 'crise' e foi mobilizada para tentar mudar o cenário, para reunir as disciplinas, e em particular o conhecimento humanista, com uma nova trama: estruturalista ou fenomenológica. A alternativa, resumindo, era ou recorrer a estruturas sem centro ou propósito, numa palavra

³ Em algumas traduções para o português brasileiro – feitas por pesquisadores, com maior frequência – é possível encontrar, para *pensiero debole*, a tradução: “pensamento débil” ou “pensamento fraco”.

⁴ A edição que iremos referenciar é a segunda edição, publicada pela editora Feltrinelli, em Milão, no ano de 2011.

sem sujeito, ou tentar pisar o solo de uma subjetividade não-substancialista, piedosa, fluida, em devir. O exemplo mais marcante foi dado pela discussão em torno dos fundamentos do marxismo. Enquanto a redescoberta do "filósofo" Marx significava que as categorias econômico-políticas eram rastreáveis a partir de um sentido filosófico-existencial, a partir de uma ideia do homem como sujeito em processo de constituição e disposição finalista para uma realização (pense-se em Sartre), por outro lado, e predominantemente, o anti-humanismo estruturalista rejeitou a simplificação científica em favor de uma ideia complexa de estrutura multidimensional, com muitos centros, com muitas camadas temporais relativamente autônomas, dotadas de relações causais não lineares (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 7, tradução nossa).⁵

Ainda no contexto dos fins daquela década, a filosofia italiana experimentou um período significativo de transformação e engajamento no discurso global. Essa discussão marcou o declínio das ideologias dominantes na Itália, como a dialética e o historicismo, levando a uma mudança nas perspectivas, de modo perspicaz e inovador. Como afirmou Bodei (2000, p. 264), “o *pathos* pela história e pelo valor salvífico da política” sofreu uma mudança profunda, resultando em desencanto ou em genuína exploração e consideração do niilismo. Nesse panorama, o sujeito e o objeto são aqueles que procuram se esquivar de uma hipostatização redutora, como analisaram Vattimo e Rovatti (2011), do subjetivismo consciente ou do objetivismo científico, procurando, a seu modo, redefinir-se por si próprios, porém, mantendo-se longe de qualquer possibilidade de aproximação ou semelhança com a metafísica esquemática.

O contexto dos anos seguintes, na década de 1970, apresentou cenário marcado por menor otimismo em relação aos fundamentos com pretensões totalitárias, dos anos anteriores. O que caracterizou aquele cenário foi a presença do olhar penetrante e impiedoso de um pensamento sem redenção, “negativo”, possibilitando trilhar um novo caminho a partir de visão que nos auxilia a discernir os muitos resíduos metafísicos, os quais permaneceram ativos e escondidos. Nesse cenário, temos a presença de um reagente que é “[...] transmitido através das teorias estruturalistas e através das filosofias da nova subjetividade: assumem cor, revelam as reivindicações totalizantes, a lei nelas ainda funciona com astúcia da *reductio ad unum*” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 8)⁶.

⁵ Texto original: “[...] la filosofia si incaricava proprio di affrontare questa “crisi” e si mobilitava per tentare di cambiar scena, di ricucire le discipline, e in particolare i saperi umanistici, con una nuova trama: strutturalistica o fenomenologica. L’alternativa, schematizzando, era: o ricorrere a strutture prive di centro e di finalità, in una parola senza soggetto, oppure cercare di battere il terreno di una soggettività non sostanzialistica, pia fluida, in divenire. L’esempio più lampante veniva fornito dalla discussione intorno ai fondamenti del marxismo. Mentre la riscoperta del Marx “filosofo” voleva dire che le categorie economico-politiche erano ripercorribili a partire da un senso filosofico-esistenziale, da un’idea di uomo come soggetto in via di costituzione e disposto finalisticamente verso una realizzazione (si pensi a Sartre), d’altra parte, e in modo predominate, l’anti-umanismo strutturalistico rifiutava la semplificazione scientifica per valorizzare un’idea complessa di struttura a più dimensioni, con molti centri, con molti strati temporali relativamente autonomi, dotati di rapporti causali non lineari” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 7).

⁶ Tradução nossa. Texto original: “[...] viene fatto passare attraverso le teorie strutturalistiche e attraverso le filosofie della nuova soggettività: esse prendono colore, rivelano le pretese totalizzanti, la legge in esse ancora astutamente fungente della *reductio ad unum*”.

A “crise” das fundações do *pensamento*, apresentada nesse cenário, não cabe mais ser resumida como “má verdade”, que poderia ser derrubada por uma nova (uma “boa verdade”); ao contrário: ela – a crise – “passa para a própria ideia de verdade” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 8)⁷. A partir daí, o tom do debate toma outras proporções, pois percebemos a presença de um elemento trágico que irrompe permanentemente, mesmo não sendo “bem-vindo”, e todas as posições acabam por ser (involuntárias ou não) maneiras de elaborar ou manter à distância esse elemento, o qual, segundo Vattimo e Rovatti (2011), é uma linguagem tornada opaca, a qual, por um longo hábito, continuamos a chamar de “irracional”.

Um ponto que tomou dimensão naquela década foi o debate sobre se é preciso renunciar à verdade ou se podem ser invocadas “novas razões”, menos pretensiosas para o preenchimento das lacunas observáveis nas fundações [com pretensões universalizantes], de forma que a teoria não perca o seu poder. Segundo Vattimo e Rovatti (2011), um exemplo ocorreu na França, onde

[...] Foucault tentou, a fim de ir além do seu estruturalismo anterior, dissolver o conhecimento numa multiplicidade de estratégias racionais, dispositivos locais, horizontais, renunciando sistematicamente à questão de "quem? (que assunto) e "por quê?" (segundo o *telos*), ou seja, colocando o assunto e o significado da história fora de jogo, como produtos secundários e enganosos (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 8, tradução nossa).⁸

Destarte, o debate sobre a “crise da razão” na Itália estava acontecendo e, em vez de fazer a razão funcionar, a discussão levava ao caminho de uma tentativa de “salvação” da razão do fantasma irracionalista, que ainda precisava ser “exorcizado”. Autores como “Nietzsche, Benjamin, Heidegger e o próprio Wittgenstein entraram no debate, primeiro furtivamente e depois abertamente, produzindo todo tipo de misturas e combinações, certamente sintomáticas”⁹, mas que, provavelmente, não chegaram a vencer a resistência de uma atitude em teoria a qual, talvez, pudesse ser chamada de “política” – ou seja, uma teoria passível de ser entendida como poder, capacidade de controle, implicação e totalização. O abandono de qualquer fundamento metafísico, aqui, deve ser compreendido sempre como forma equilibrada pela tentativa de salvaguardar a própria capacidade de síntese, o poder generalizante da razão.

⁷ Tradução nossa. Texto original: “[...] la crisi si sposta infatti dentro l’idea stessa di verità.”

⁸ Tradução nossa. Texto original: “Foucault tentava, per oltrepassare il suo stesso precedente strutturalismo di sciogliere il sapere in una molteplicità di strategie razionali, dispositivi locali, orizzontali, rinunciando sistematicamente a chiedersi “chi?” (quale soggetto) e “perché?” (secondo quale telos), cioè mettendo fuori gioco il soggetto e il senso della storia come prodotti secondari e ingannevoli” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 8).

⁹ Tradução nossa. Texto original: “Nietzsche, Benjamin, Heidegger e lo stesso Wittgenstein entravano prima di soppiatto e poi palesemente nel dibattito producendo ogni sorta di impasti e di miscele, certo sintomatiche [...]” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 8).

É assim que, a partir da leitura de Vattimo e Rovatti, podemos dizer que, na década de 1970 evidenciava-se um período em que houve pouco otimismo do pensamento sem redenção, mediante uma identificação com os resíduos da metafísica tradicional em vista de suas pretensões totalizantes. A problemática da crise da razão é tida por Vattimo e Rovatti como circunscrita, designadamente, pela finalidade de salvaguardar a competência sintetizadora e totalizadora creditada à razão por algumas propostas filosóficas da época.

Entretanto, essa orientação parece ter sido deixada ao largo pelos autores, ainda que tenham considerado inevitável ponderar sobre uma nova racionalidade no cenário da Filosofia contemporânea. O que podemos destacar, aqui, é a renúncia à pretensão de uma (re)constituição da racionalidade fundamentada na Metafísica, “caracterizada pela legitimação totalizante e pela esquematização do pensamento em torno de um fundamento último-absoluto” (Maia, 2021, p. 27). Por isso, podemos argumentar que a crise posta pela racionalidade metafísica acaba sendo acolhida em seu caráter positivo, como um movimento de (auto)debilitamento da razão (forte), da ruína do fundamento “luminoso” (único, estável), ou seja, do abandono e enfraquecimento das estruturas da Metafísica moderna.

Com isso, temos as principais representações e intenções a que se volta o *pensiero debole*, que não abarca o sentimento de nostalgia em relação à razão universal (ou totalizadora), levando, porém, até as últimas consequências a tese nietzschiana do anúncio da “morte de Deus” e da declaração heideggeriana, como denúncia, da experiência do *esquecimento do ser* pela Metafísica. Portanto, o título da obra *Il pensiero debole* – “pensamento fraco” –, após apresentada toda essa discussão, indica algumas ideias no percurso cumprido na (pós-)crise da razão.

A primeira delas, segundo Vattimo e Rovatti (2011, p. 9), é que devemos “levar a sério a descoberta nietzschiana, e talvez também a marxista, a descoberta do nexa entre a evidência metafísica (e, portanto, a cogência da fundação) e as relações de dominação, dentro e fora do sujeito”¹⁰. Entretanto – o que nos leva a outra ideia –, sem declinar de imediato essa descoberta numa filosofia de emancipação através do “desmascaramento” e desmistificação, mas, antes, “tornando-a mais nova e amigável, pois mais relaxada e menos metafisicamente angustiada, olha para o mundo das aparências, procedimentos discursivos e ‘formas simbólicas’, vendo-os como o lugar de uma possível experiência de ser”¹¹. Outra ideia seria o fato de que isso não implica a ideia

¹⁰ Tradução nossa. Texto original: “[...] si debba prender sul serio la scoperta nietzschiana, e forse anche marxiana, del nesso tra evidenza metafisica (e dunque cogenza del fondamento) e rapporti di dominio, dentro e fuori il soggetto” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 9).

¹¹ Tradução nossa. Texto original: “[...] rivolgendo un nuovo e più amichevole, perché più disteso e meno metafisicamente angosciato, sguardo al mondo delle apparenze, delle procedure discorsive e delle “forme simboliche”, vedendole come il luogo di una possibile esperienza dell’essere” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 9).

de espírito de uma “glorificação do simulacro”¹², que “acabaria dando-lhe o mesmo peso que aos *onta* metafísicos, mas na direção de um pensamento capaz de se articular (portanto de ‘raciocínio’) na meia-luz (de acordo com um dos prováveis sentidos do *Lichtung* heideggeriano)”¹³. Por fim, a última ideia aponta para a possibilidade de compreender que a identificação (altamente problemática) do ser e da linguagem, que a Hermenêutica toma de Heidegger – não no sentido de redescobrir o ser original, a verdade, que a Metafísica pareceu ter esquecido nos seus resultados científicos e tecnológicos –, porém “como uma forma de reencontrar o ser como um vestígio, uma memória, um ser consumido e enfraquecido (e por esta razão apenas digno de atenção)”¹⁴.

Enumerar as ideias acima, desta maneira, segundo Vattimo e Rovatti (2011, p. 10), foi importante para não cair no erro da interpretação de que a “fraqueza” do pensamento fosse erroneamente entendida como abdicação histórico-cultural, ou, ainda, como apologia indireta da ordem existente “das coisas”, “na qual a direção da história parece ser confiada a agentes bastante diferentes da meditação filosófica”.¹⁵

Entendemos, pois, que a fraqueza do pensamento em relação ao mundo, assim como também à sociedade,

[...] é provavelmente apenas um aspecto do *impasse* em que o pensamento se encontrava no final de sua aventura metafísica. O que importa agora é repensar o sentido dessa aventura e explorar os caminhos para ir além dela: precisamente, através da negação – não principalmente no nível das relações sociais, mas no nível dos conteúdos e modos de pensar em si – dos traços metafísicos do pensamento, antes de tudo a “força” que sempre acreditou que deveria atribuir a si mesmo em nome de seu acesso privilegiado ao ser como fundamento (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 10, tradução nossa).¹⁶

¹² No sentido atribuído por Deleuze, presente em suas obras *Diferença e Repetição* (2018) e *Lógica do Sentido* (1974). Para esclarecer, a alusão ao termo deleuziano está implicada no livro *Lógica do Sentido*, em que Deleuze argumentou sobre as imagens herdadas da filosofia platônica, que acabaram ocupando o pensamento ocidental. Assim como aparece na filosofia de Nietzsche, ele propôs a reversão do platonismo e de seu legado – tal pensamento foi desenvolvido, com maior especificidade, na sua obra *Diferença e Repetição*. Nesta, Deleuze afirma que o simulacro é visto como a cópia da cópia e estando a três graus da verdade/fundamento; por isso, na arte simulada “não existe mais nem mesmo opinião justa, mas uma espécie de refrega irônica que faz as vezes de modo de conhecimento, uma arte de refrega exterior ao saber e à opinião” (Deleuze, 1974, p. 264).

¹³ Tradução nossa. Texto original: “[...] finirebbe per conferir loro lo stesso peso dell’*ontos* on metafisico, ma nella direzione di un pensiero capace di articolarsi (dunque di “ragionare”) nella mezza luce (secondo uno dei verosimili sensi della *Lichtung* heideggeriana)” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 9).

¹⁴ Tradução nossa. Texto original: “come una via per incontrare di nuovo l’essere come traccia, ricordo, un essere consumato e indebolito (e per questo soltanto degno di attenzione)” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 9).

¹⁵ Tradução nossa. Texto original: “[...] nel quale la direzione della storia sembra affidata ad agenti assai diversi dalla meditazione filosofica” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 10).

¹⁶ Texto original: “[...] è probabilmente solo un aspetto della *impasse* in cui il pensiero si è venuto a trovare alla fine della sua avventura metafisica. Ciò che conta adesso è ripensare il senso di quella avventura ed esplorare le vie per andare oltre: appunto, attraverso la negazione – non anzitutto a livello di rapporti sociali, ma a livello di contenuti e modi del pensare stesso – dei tratti metafisici del pensiero, prima fra tutti la “forza” che esso ha sempre creduto di doversi attribuire in nome del suo accesso privilegiato all’essere come fundamento” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 10).

Ainda assim, tais apontamentos não expressam tudo sobre a caracterização do *pensiero debole* (*pensamento fraco*). Sobre essa expressão, podemos dizer que ela funciona, sobretudo, “fracamente” como uma ideia de *slogan* polivalente, possuindo fronteiras deliberadamente não marcadas, porém indicando que a racionalidade precisa abrandar-se, cedendo terreno para as novas possibilidades de pensamento (*razão*), e não ter medo de recuar à sua zona de sombra, de maneira que não fique, também, estática pela perda da referência cartesiana iluminista, única e estável.

O *pensiero debole*, portanto, segundo a concepção vattimiana, entendemos como uma proposta de filosofia do ‘debilitamento’, enquanto possibilidade que está se abrindo em detrimento do enfraquecimento das estruturas fortes da Metafísica tradicional, uma espécie de chamado para a atitude do filosofar que, agora, tem em conta o ‘fim da Filosofia como Metafísica’, em que a metafísica não significaria mais ‘nenhuma’ opção. Esse *debilitamento*, que aqui chamamos também “fraqueza” do pensamento, representa a rejeição da “força”, antes capaz de conferir legitimidade, em nome de seu acesso privilegiado ao ser como fundamento. Cito:

[...] aqui, ressalta-se a intenção de Vattimo, em especial, quanto ao desenrolar de suas reflexões, da evolução de seu pensamento nas obras *Al di là del soggetto* [1981], *Le Avventure della Differenza* [1980] até aos êxitos do *Pensiero Debole* [1983], que vai na direção radicalizante da lógica de fundamentação metafísica: sua reflexão, que leva a sério a descoberta ‘marxiana-nietzschiana’ das ligações entre evidência metafísica do fundamento e relações de domínio, não busca se encaminhar por um prisma dialético-emancipativo do pensamento em função de, no fim, apresentar-se como outro fundamento, que se reproporia da imposição da razão clássica como ‘razão global, totalizadora (Maia, 2021, p. 27-28).

Essa direção nos leva ao entendimento sobre como a *debilidade* do pensamento em relação ao mundo representa o resultado a que chegou a Filosofia, ao final de sua aventura metafísica. Por isso, é preciso averiguar o verdadeiro significado conferido à aventura do pensamento, e examinar os caminhos que possibilitarão chegar mais longe, de modo a que se evite (ou minimize ao máximo) o risco de (re)assumir os antigos traços da metafísica (Vattimo; Rovatti, 2011).

Nessa esteira, o *pensiero debole* encara o efeito da *debilidade* (ou, como já se disse, do “debilitamento”) como (auto)limitação positiva, tendo em vista que ele é decorrência da crise e, conseqüentemente, do ‘fim’ da Metafísica. Assim, o *pensiero debole* não pode se apresentar como uma corrente de pensamento que se coloca como sendo a mais adequada, como possível nomenclatura de um sistema de pensamento, com limites pré-estabelecidos. Devemos entendê-lo como uma alternativa à época da crise que vivenciaram (e vivenciam) as estruturas ‘fortes’, tendo em vista que, além de propor um pensamento ‘novo’ para a filosofia, nós o consideramos a forma mais adequada de pensar sobre o mundo e o sujeito em nosso tempo.

A partir do reconhecimento da insuperabilidade da lógica da fundamentação e de verdades absolutas no âmbito da Metafísica, abre-se caminho para a denúncia, pelo viés ético da razão, da

carência de liberdade e da violência que fazem parte da configuração das estruturas totalizadoras da referida Metafísica. Uma compreensão heideggeriana de Metafísica que, em particular, o próprio Vattimo – em seu texto *Definir a Metafísica* – interpreta como um

[...] pensamento que identifica o ser e o ente, e reduz assim a existência humana à objetividade, prepara – e mesmo determina – uma prática ética e política que pensa poder planificar e manipular os homens exatamente como os objetos. Não são, sobretudo, razões teóricas as que levam Heidegger a recusar e criticar a Metafísica; são razões ético-políticas, as mesmas que inspiraram as vanguardas artísticas e intelectuais do começo do século, por exemplo, o expressionismo ou Ernst Bloch (Vattimo, 1996, p. 152).

Contudo, o projeto não é que, de fato, deva-se ‘sair’ da Metafísica. O percurso filosófico heideggeriano após *Sein und Zeit*, direciona-se rumo ao reconhecimento de que não é possível sair da Metafísica, por algumas razões.¹⁷ Por isso, Vattimo e Rovatti (2011) chegam a dizer que o *pensiero debole* é, “portanto, certamente uma metáfora, e num certo sentido, um paradoxo”¹⁸. Entretanto, não pode

tornar-se o acrônimo de alguma nova filosofia. É uma forma provisória, talvez mesmo contraditória, de dizer. Mas marca um caminho, indica uma direção de viagem: é uma estrada que bifurca em relação ao domínio da razão, por mais retraduzida e camuflada que seja, no entanto, de onde sabemos que uma licença definitiva é igualmente impossível. Um caminho que terá de continuar a bifurcar (Vattimo, Rovatti, 2011, p. 10).¹⁹

¹⁷ Sobre essas razões, conforme Vattimo (1996, p. 153), “[...] de início, porque o ser não é um objeto diante de nós, ao qual se trata somente de ‘descrever’ de uma maneira ‘adequada’ pois isso seria ainda uma maneira metafísica de pensar. Não se pode pensar o ultrapassamento da metafísica como a correção de um erro, ou como o abandono de uma ‘falsa’ atitude. Dessa constatação elementar deriva uma série de consequências: sobretudo, o fato de reconhecer que a metafísica tem para o pensamento da filosofia, quer dizer, de Ocidente, o caráter de um destino, de uma condição da qual não se escapa, mas que se pode, mesmo assim – segundo Heidegger –, viver de uma maneira ‘diferida’, resignando-se a ela e aceitando-a com uma atitude ‘distorcente’, atitude que a faz desviar, que talvez a ‘perverta’. Evoco aqui termos que foram, de fato, usados por numerosos pensadores contemporâneos que se inspiraram em Heidegger, mais ou menos diretamente, e em Nietzsche, e que nos levam ao próprio tema desta comunicação: se a metafísica pode apenas ser diferida, distorcida, pervertida, isso fará, verdadeiramente, alguma diferença? Antes de prosseguir na discussão dessa questão, gostaria de sublinhar a importância que, bem além dos limites da escola heideggeriana, possui a noção de distorção e de perversão na cultura de nosso século, uma importância que tem provavelmente a ver, do lado mais evidente, com as desilusões dos intelectuais – mas não somente – perante as revoluções políticas e sociais de nossa época. Mas ainda, antes disso, a importância dessa noção está relacionada à condição de mal-estar no sentido de exclusão, condição própria dos artistas e intelectuais ‘humanistas’, a partir do século XIX. Quero dizer que, na modernidade tardia, na qual nos encontramos há décadas, o ‘mal-estar na civilização’ e a necessidade de renovação dão lugar, cada vez mais, a um esforço de transformação que se pensa como um movimento ‘obliquo’, muito mais do que como uma novidade radical”.

¹⁸ Tradução nossa. Texto original: “‘Pensiero debole’ è allora certamente una metafora, e in certo modo un paradosso” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 10).

¹⁹ Tradução nossa. Texto original: “Non potrà comunque diventare la sigla di qualche nuova filosofia. E un modo di dire provvisorio, forse anche contraddittorio. Ma segna un percorso, indica un senso di percorrenza: è una via che si biforca rispetto alla ragione-dominio comunque ritradotta e camuffata, dalla quale, tuttavia, sappiamo che un congedo definitivo è altrettanto impossibile. Una via che dovrà continuare a biforcarsi” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 10).

O primeiro passo para esse caminho com suas bifurcações, tendo em vista o *pensiero debole*, provavelmente, deve começar pelo sentido de perda – dito de outra maneira, com uma renúncia. De partida, podemos ainda descobrir que é também um *afastamento de uma obrigação, a remoção de um obstáculo*. Melhor dizendo, temos, com isso, a atitude que apresenta uma tentativa de se dispor como ética de “fraqueza”, o que parece não ser fácil, mas muito mais dispendioso, e menos tranquilizador: portanto, constitui-se em um equilíbrio difícil e que está entre a contemplação indolente do negativo e o cancelamento de todas as origens, a re-tradução de tudo em práticas, em “jogos”, em técnicas válidas localmente. Posteriormente, esse caminho bifurcado trata da experiência como “uma tentativa de análise de desenho, de deslocamento do terreno”.²⁰

Desse modo, o fato de o *pensiero debole* se orientar a partir do enfraquecimento das estruturas ‘fortes’, sem ambicionar estabelecer normas últimas e fundamentos absolutos, como pretendeu a Metafísica moderna, leva-nos a pensar e dizer a ética como seu fator motivacional. Pois, como também analisou Maia (2021, p. 30), o *pensiero debole* e os traços que o caracterizam devem ser compreendidos, “de início, apesar dos riscos de uma ‘recaída’ na lógica de fundação absoluta da Metafísica, como abandono do pensamento ‘forte’, inspirando-se nas *ontologias [niilistas]* de Nietzsche e de Heidegger como antimetafísicas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ao se reportar ao passado, portanto, o *pensiero debole* aborda-o “através daquele filtro teórico que pode ser chamado de ‘*pietas*’”.²¹ Uma variedade de mensagens produzidas e enviadas pela tradição agora podem ser escutadas por um ouvido que se mostrou disponível. Ao presente, caberia observar o quanto o olhar totalizador pode ajudar àqueles excluídos (campos e objetos). A limitação dos objetos foi (e é) o alto preço pago por uma razão poderosa totalizante, que limita quem pode ser visto e de que se pode falar. Vislumbrando o futuro, parece haver – ainda mais – certa resistência por parte das estruturas da razão totalizadoras em relação ao *pensiero debole*, justamente pelo fato de ele poder oferecer um encontro diferente do território normativo e disciplinar, em que todos os nossos “acordos” podem ser normalmente estipulados.

Essa perspectiva teórica foi escrita por Vattimo e Rovatti no ano de 1983. Contudo, é interessante perceber como o *pensiero debole* está presente – e atualizado – e, talvez, mais forte, atualmente. Em uma entrevista concedida no ano de 2018, mas apenas publicada em 2019, na

²⁰ Tradução nossa. Texto original: “[...] un tentativo di tracciare analisi, di muoversi sul terreno” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 11).

²¹ Tradução nossa. Texto original: “[...] attraverso quel filtro teorico che si può chiamare ‘pietas’” (Vattimo; Rovatti, 2011, p. 11).

Pensares Revista, Vattimo foi convidado a falar sobre a política brasileira das últimas décadas e apontar novos caminhos. Naquela ocasião, ele argumentava, de modo convicto, que o fato de pregar o *pensiero debole*, que é efetivamente uma coisa simples, colabora para transformar a cultura agressiva, competitiva, capitalista de que se tem conhecimento até agora e que nos tem sido, constantemente, forçada para uma cultura mais cristã, mais respeitosa do outro, mais democrática. Isso justifica, também, em nosso ponto de vista, sua constante recorrência às filosofias de Nietzsche e Heidegger, exatamente por acreditarmos, assim como o próprio Vattimo, que esse momento [do pensamento contemporâneo ou pós-moderno] tenha iniciado com eles.

REFERÊNCIAS

BODEI, Remo. *A Filosofia do século XX*. Tradução: Modesto Florenzano. São Paulo: EDUSC, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

MAIA, Antonio Glaudenir Brasil. *Ontologia da Atualidade: um estudo sobre ética, religião e política em Gianni Vattimo*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

VATTIMO, Gianni. Diferir a metafísica. (tradução de Antonio Abranches). *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 8, n. 10.1, p. 151-163, oct. 1996.

VATTIMO, Gianni. O pensamento "fraco" e a esquerda brasileira: entrevista com o filósofo italiano Gianni Vattimo. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 15, p.186-191, 2019.

VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier Aldo. Premessa. In: VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier Aldo (org.). *Il pensiero debole*. 2. ed. Milano: Feltrinelli, 2011. p. 7-11.